

NOMES PESSOAIS E SUAS FUNÇÕES SOCIAIS NA COMUNIDADE APYÁWA

Gilson Tenywaawi Tapirapé
Professor Pesquisador

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar e discutir o sistema de nomeação e as funções sociais dos nomes em Tapirapé.

PALAVRAS CHAVE: Língua Tapirapé. Origem, usos e funções sociais dos nomes. Sistema e ritual de nomeação.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar e discutir o Sistema de Nomeação e as Funções Sociais dos nomes *Apyáwa* para Alfabetização e Letramento em língua *Apyáwa*, levando em consideração principalmente fenômenos que nos atingem em relação ao uso sequencial dos nomes dentro da nossa cultura. Pretende também fornecer subsídio aos professores alfabetizadores *Apyáwa* para a construção de uma política pedagógica mais voltada para realidade da nossa comunidade, uma vez que os nossos saberes indígenas não são muitos valorizados na escola. E com isso muitos jovens e crianças desconhecem os saberes da nossa própria cultura.

Busca-se uma política pedagógica que de fato contribua com o projeto de manutenção da identidade *Apyáwa*, que respeite e valorize o desenvolvimento e o universo da aprendizagem das crianças no processo de alfabetização e letramento. Assim, criamos metodologia inovadora capaz de formar gerações futuras dentro de suas próprias experiências de vidas e com os temas relacionados com o sistema de vida e organização do seu povo, bem como procuramos atender à proposta feita no primeiro encontro da “Ação Saberes Indígenas na Escola”, que aconteceu no período de 16 a 20 de dezembro de 2013, na UFG (Universidade Federal de Goiás), alfabetizando pelos conhecimentos indígenas, através de mitos, contos, brincadeiras,

imitações e muitos outros temas que fazem parte dos cotidianos das crianças.

Desse modo, procuro contribuir não só com as práticas dos professores alfabetizadores, como também com a inclusão real e a valorização de saberes do nosso povo na escola e principalmente na comunidade.

A pesquisa aconteceu entre os meses de janeiro e fevereiro de 2014, na aldeia *Tapi'itāwa*. Foram feitas entrevistas com quatro pessoas qualificadas sobre o tema: *Imakopy* Tapirapé, de 59 anos de idade, morador da aldeia *Tapi'itāwa*; *Koxaoni* Tapirapé, de 56 anos de idade, moradora da aldeia *Wiriaotāwa*; *Tarywāja* Tapirapé, de 55 anos de idade, moradora da aldeia *Tapi'itāwa*; e *Taparawi* Tapirapé, de 54 anos de idade, também moradora da aldeia *Tapi'itāwa*. Inclusive procurei acompanhar da melhor forma possível os espaços de diversões da juventude *Apyāwa* como campo de futebol, quadra de esportes, barracão da comunidade, onde costumam chamar uns aos outros por apelidos não indígenas.

Os resultados obtidos encontram-se organizados em três capítulos. No primeiro capítulo apresento a 'Origem dos Nomes *Apyāwa*'. Em seguida, no segundo capítulo, apresento o 'Uso dos Nomes *Apyāwa*' e, finalmente, no terceiro capítulo, apresento o 'Ritual de Nomeação'.

ORIGEM DOS NOMES APYĀWA

Segundo o entrevistado, senhor *Imakopy*, de 59 anos de idade, morador da aldeia *Tapi'itāwa*, quase todos os nomes *Apyāwa* são de origem dos animais, pássaros, abelhas, peixes, cobras e sapos, adquiridos pelos *Paxe* (Xamã). Muitos outros são de origem de outras espécies, como árvores e frutos, e muitos são intraduzíveis e inexplicáveis de onde foram originados.

A verdade é que o *Paxe* tem uma formação espiritual muito poderosa, o que permite todas as possibilidades de se comunicar com quaisquer seres existentes no universo. Isso no passado foi o principal instrumento para a evolução do nosso povo, não só no sistema de nomeação, como em todo o sistema de vida e organização que nós temos hoje. Graças ao *Paxe*, nós temos, por exemplo, organização em

grupo de *Wyrã*, festa e rituais, conhecimentos sobre roça e plantas que nela são plantadas, regras de consumo de alimentos e assim por diante.

De acordo com as histórias contadas, até hoje, pelos historiadores *Apyãwa*, o *Paxe* comunica-se com as outras espécies em uma linguagem espiritual em que todos se entendem, bem como afirma o Imakopy: “não há no universo ser vivo ou não vivo que não consiga se comunicar com o *Paxe*, pois ele é respeitado não só no mundo em que vivemos como também no mundo invisível; manda e desmanda”.

Dessa forma, então, com o poder que ele tem, o *Paxe* conseguiu trazer sistema de nomeação para nosso mundo e traduzir todos os nomes em linguagem que falamos. E, assim, o povo *Apyãwa* constitui inúmeros nomes originados de várias espécies de seres vivos. Por exemplo, os nomes que nós temos dos animais: *Awarã*, *Tapi'iri*, *Ka'i*, *Tato*, *Tatokoã*, *Akoxi*, *Karowaroo*, *Xawaroo*, *Xawakato*, *Xawarema*, *Xawapa'i*, *Xawapa'io*, *Tapiixi*, *Miãra*, *Xawaxi*, *Xaaja*, *Taxao*, *Kwaxi*, *Irome*, *Wawere*, *Awarao* etc. Dos pássaros: *Xeroxi*, *Xapoo*, *Inamo*, *Myto*, *Xaraxi*, *To'ixigoo*, *Tokyna*, *Wakore*, *Arareme'i*, *To'iapina*, *Wina* etc. Das abelhas: *Eirawã*, *Eirawa*, *Eirowa*, *Tate'i*, *Eiri'i* etc. Das árvores ou frutas: *Ape'ywa'i*, *Apitaja*, *Marape*: *Myryxi*, *Morio*, *Morixowa* etc. Dos peixes: *Ipikyra*, *Waxanyma*, *Porake'i*, *Akarao*, *Arapa'i*, *Moo'i*, *Orowa*, *Noxa'i* etc.

Baldus (pag. 280) explica que nomes de animais predominam entre as mulheres.

Havia, em 1935, uma mulher de mais de quarenta anos, chamada *Purangkaí*, isto é, “puraquezinho”, ou “peixinho elétrico”. Outra de cerca de trinta e cinco anos chamava-se *Tamanuai*, “tamanduá-bandeira”, com sufixo diminutivo I, e uma velha de mais ou menos quarenta e cinco anos tinha o nome *Anampaí*, sendo *anampá* “peixe tuvira”. Uma menina de onze anos chamava-se *Chauãvuyra*, isto é, “raia d'água doce” e outra de seis anos *Tanchahó*, designação do porco do mato “queixada”.

Em 1947 havia uma menina de um ano cujo nome, *Kaí*, significa “macaco prego”. Entre os homens encontrei em 1935 apenas um cujo nome pude identificar como designativo animal, aliás em sentido genérico: era *Vuirai*, isto é, “passarinho” significado que tinha

certa graça vendo-se o corpo robusto e grosso desse índio. Outros nomes traduzíveis, além dos de animais, são o de *Kanuana*, menina de oito anos, que significa “trovão” e “chocalho de cabaça” e os de dois meninos de dois e quatro anos, que vi em 1947, a saber, *Yvytú* “vento” e *Ekonominchinga*, “menino branco”.

A pesquisa constata que os nomes de origens animal não predominam só entre as mulheres como afirmou Baldus (trecho apresentado). Tanto os homens quanto as mulheres recebem nomes dos animais. E, assim, muitos outros nomes *Apyãwa* são de origem de outros seres, como cobra, sapo e insetos utilizados por ambos os sexos.

Veja alguns exemplos no quadro abaixo:

Nomes Masculinos	Origens	Nomes Femininos	Origens
<i>Awarao</i>	Animal	<i>Akoxi</i>	Animal
<i>Tapi'iri</i>	Animal	<i>Mytyga</i>	Animal
<i>Xawakato</i>	Animal	<i>Iraero</i>	Animal
<i>Xawara'yroo</i>	Animal	<i>Tato</i>	Animal
<i>Xawaxi</i>	Animal	<i>Xawaroo</i>	Animal
<i>Xa'aja</i>	Animal	<i>Karowaroo</i>	Animal
<i>Kwaxi</i>	Animal	<i>Taxao</i>	Animal
<i>Araroo</i>	Animal	<i>Arareme</i>	Animal
<i>Myto</i>	Animal	<i>Xeroxi</i>	Animal
<i>Xaraxi</i>	Animal	<i>Inamo</i>	Animal
<i>Myryxi</i>	Animal	<i>Morio</i>	Animal
<i>Waxanyma</i>	Animal	<i>Arapa'i</i>	Animal
<i>Wararoape</i>	Animal	<i>Warara'i</i>	Animal
<i>Akarao</i>	Animal	<i>Porake'i</i>	Animal
<i>Yrywi</i>	Animal	<i>Morixowa</i>	Animal
<i>Ywyto</i>	Animal	<i>Xawewyra</i>	Animal

O USO DOS NOMES APYÁWA

Os nomes próprios *Apyáwa* não são simples elementos culturais. São bastante complexos e fundamentais para identificação da pessoa enquanto *Apyáwa*. Os nomes têm suas histórias, normas e ritos a serem cumpridos, quando são dados a uma pessoa. E, ainda, os nomes têm seus donos, isto é, não é qualquer pessoa da comunidade que pode usar um nome. Isto exige da pessoa o conhecimento sobre as histórias dos seus ancestrais e os nomes que a eles pertencem. Resumindo, os nomes na cultura *Apyáwa* pertencem a cada família e a pessoa só tem direito de usar aquele que pertence à sua família, tanto do seu pai e da sua mãe, o que na atualidade não está sendo respeitado na comunidade, afirma a entrevistada *Tarywāja*.

Hoje é muito comum ouvir as reclamações de muitas famílias por causa dos nomes. O que acontece é que os nomes não estão sendo usados como devem, como dito no parágrafo anterior. Por falta de conhecimento das histórias das suas famílias e os nomes que a elas pertencem, muitas famílias estão se aproveitando dos nomes que pertencem à outra família. E isso gera confusão entre as famílias. Uma realidade bastante comum e muito discutida também é o uso inadequado de nome quando se passa de uma fase para outra.

A troca de nome não depende de cada pessoa. Aliás, não se faz troca de nome por vontade própria e muito menos escolher um nome para usar como está acontecendo hoje. O nome tem seu uso sequencial, ou seja, a pessoa recebe não apenas um nome, mas uma série de nomes que vai usar conforme as fases de sua vida.

Baldus (pág. 280) explica:

O Tapirapé recebe, além do nome que lhe é dado por ocasião do nascimento, outros, embora por motivos bem diferentes daqueles que levaram à multiplicação dos nomes entre os Tupinambá.

A cultura permite que se mude de nome quando passa de uma fase para outra, mas sempre passando pelo ritual de passagem. Tradicionalmente a troca de nome é acompanhada pelo ciclo de passagem de vida, tanto pelo homem quanto pela mulher. Isso acontece, por exemplo, quando um Konomi passa para fase de Awa'yao'i (menino para fase de pré-adolescência), de Awa'yao'i para fase de wa'yao (adolescência), de Awa'yao para fase de Awaxewete

(adulto) e de Awaxewete para fase de Maryke'yra (idoso). Da mesma forma acontece com a mulher quando vai passando de uma fase para outra, por exemplo, de Kotatai para fase de koxamoko (na primeira menstruação), de koxamoko para fase de Koxyxewete (adulto) e de Koxyxewete para Wajwi (idosa).

Podemos também organizar o ciclo da vida Apyãwa de acordo com o PPP da Escola Indígena Estadual “Tapi'itãwa” (pág. 60)

GÊNERO MASCULINO	GÊNERO FEMININO
PITYWERA: abrange a infância até a primeira iniciação masculina. Os meninos são chamados de <i>konomi</i> .	PITYWERA: abrange a infância até a primeira menstruação. As meninas são chamadas de <i>kotatai</i> .
XYRE'I: fase que vai desde a primeira iniciação até a segunda iniciação (aproximadamente entre os 9 a 12 anos).	KOXAMOKO: fase que vai desde a primeira iniciação até a idade adulta. Corresponde ao período da adolescência.
AXE'ATOWAKARAMA'E: esta fase abrange o período entre a segunda iniciação e a terceira iniciação. Corresponde ao período da adolescência.	KOXYWERA: fase da vida da mulher considerada adulta.
AXEAKYGETAXIMA'E: ritual que marca a terceira iniciação masculina, a Festa de Rapaz. A partir deste ritual, o rapaz é considerado adulto.	
AKOMA'E: Fase da vida dos homens adultos	

AKOMA'EXEWETE: fase da vida que marca a meia idade dos homens.	KOXYXEWETE: fase da vida que marca a meia idade das mulheres.
MARYKWERA: grupo de idade dos homens idosos.	WAJWIWERA: grupo de idade das mulheres idosas.

Uma troca de nome pode acontecer também quando uma pessoa se torna *Paxe* (xamã), pois existem nomes que só eles/as podiam usar antes.

LOCAL E RITUAL DE NOMEAÇÃO

A troca de nome acontece no pátio da *Takāra*, onde especialista anuncia a troca com o grito especializado para que todas as pessoas da comunidade possam ouvir e chamar a pessoa com o novo nome.

No PPP (pág. 81, 82) explica-se:

O menino *Apyāwa* muda o nome de acordo com o costume, acontecendo essa mudança durante as festas elaboradas na aldeia pela Comunidade, deixando seu nome de criança que não poderá ser pronunciado pelas pessoas da aldeia. O nome novo é escolhido pelos velhos. À noite é divulgado esse nome através de um canto no terreiro da *Takāra*, chamando-se a atenção das pessoas para ouvi-lo.

Ao lado, o pai, a mãe e seus irmãos e irmãs recebem outro nome novo que vão ser pronunciados junto com o novo nome do rapazinho, sem haver mais o pronunciamento dos nomes velhos. A partir desse momento, a convivência do rapazinho será a participação na vida adulta.

Por outro lado, a menina, durante a primeira menstruação passa por um longo tempo dentro da casa tomando *cauim* (chicha), sem comer qualquer outro alimento. Enquanto isso, a mãe e a avó vão preparando os instrumentos para enfeitar a menina em sua saída, fora da casa como moça. À noite, da mesma forma que o rapazinho, o nome novo da moça é divulgado e recebido junto com os de seus familiares. Esse nome também é escolhido pelos mais velhos.

Ao contrário do rapazinho, o nome de criança da moça

poderá ser pronunciado pelos homens, de acordo com o costume. Esse costume da troca de nomes é próprio da cultura Apyãwa e deve ser respeitado pela Escola.

Já o recém-nascido/a recebe ou é nomeado/a em casa. Para o recém-nascido o nome é escolhido pelos pais, através dos avós paternos ou maternos, mas já sabendo os próximos nomes quando vão passando de uma fase para outra.

REFERÊNCIAS

BALDUS, Herbert. *Tapirapé. Tribo Tupi no Brasil Central*. São Paulo: Nacional/ EDUSP, 1970 (Coleção Brasileira n° 17).

Projeto Político Pedagógico. ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL “TAPI’ITÁWA”. Aldeia Tapi’itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT, 2009.

TAPIRAPÉ, Imakopy. *Nomes pessoais e suas funções sociais nas comunidades Apyãwa*. Entrevista. Aldeia Tapi’itãwa, 2014.

TAPIRAPÉ, Ipawygi Rinaldo. *A origem dos nomes do povo Apyãwa*. Aldeia Tapi’itãwa/Confresa-MT: Escola Indígena Estadual Tapi’itãwa/ Projeto *Aranowa’yao* – Novos Pensamentos, 2006 (Monografia de Conclusão de Curso - Ensino Médio).

TAPIRAPÉ, Iranildo Arowaxeo’i. *Nomes Próprios do Povo Apyãwa*. Goiânia: UFG/Curso de Educação Intercultural, 2013 (Caderno de Estágio).

TAPIRAPÉ, Koxaoni. *Nomes pessoais e suas funções sociais nas comunidades Apyãwa*. Entrevista. Aldeia Tapi’itãwa, 2014.

TAPIRAPÉ, Taparawi. *Nomes pessoais e suas funções sociais nas comunidades Apyãwa*. Entrevista. Aldeia Tapi’itãwa, 2014.

TAPIRAPÉ, Taparawytyga Vanete. *As regras dos nomes Tapirapé*. Aldeia Tapi’itãwa/Confresa-MT: Escola Indígena Estadual Tapi’itãwa/

Projeto *Aranowa'yao* – Novos Pensamentos, 2006 (Monografia de Conclusão de Curso - Ensino Médio).

TAPIRAPÉ, Tarywãja. *Nomes pessoais e suas funções sociais nas comunidades Apyãwa*. Entrevista. Aldeia Tapi'itãwa, 2014.